

## **Rádio Comunitária e Identidade: a experiência com jovens comunicadores da periferia de Goiana-PE<sup>1</sup>**

Ivanice Oliveira de LIMA<sup>2</sup>  
Faculdade Joaquim Nabuco, Recife-PE.

### **Resumo**

O presente trabalho é fruto da experiência profissional da autora no Projeto Comunicando Negritude para o Espaço Cultural Bodega da Yá (Terreiro Ilê Axé Oyá Oníra), que propunha uma série de integrações culturais na Comunidade da Portelinha, periferia da cidade de Goiana, Mata Norte de Pernambuco. Através de uma oficina de rádio comunitária buscou-se incentivar a valorização da identidade local e estimular o empoderamento dos moradores em relação às práticas radiofônicas para o fortalecimento da cidadania. A ação pavimentou o caminho para a construção de outras iniciativas socioculturais na comunidade, mais ainda são muitos os desafios para o maior engajamento e identificação dos moradores com a proposta da comunicação comunitária independente da mídia de massa.

**Palavras-chave:** Cidadania; Identidade; Periferia; Rádio Comunitária.

### **Rádio Comunitária, Contextos Populares e Identidade.**

O estudo tem como proposta entender as apropriações dos jovens comunicadores da cidade de Goiana da Oficina de Rádio do Projeto Comunicando Negritude, realizado no Espaço Cultural Bodega da Yá<sup>3</sup> - Terreiro Ilê Axé Oyá Oníra (casa do sagrado), na Comunidade da Portelinha, periferia de Goiana. Especificamente busca-se perceber de que forma se deu a identificação com a proposta da oficina de rádio, que buscava - através de práticas comunitárias de comunicação - fortalecer a identidade e o empoderamento dos jovens comunicadores, incentivando a produção de contrapontos à mídia tradicional e estimulando o sentido de cidadania na comunidade.

O processo metodológico envolveu técnicas combinadas de coleta de dados, como pesquisa bibliográfica, análise documental e entrevista semiestruturada realizada durante as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT7 do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Radialista, Professora do Curso de Comunicação da Faculdade Joaquim Nabuco, Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (UFRPE), Graduada em Comunicação Social/ Hab. Rádio e TV (UFPE). E-mail: [nicelima.com@gmail.com](mailto:nicelima.com@gmail.com)

<sup>3</sup> Abreviação de Yalorixá, do iorubá (grupo étnico-linguístico da África Ocidental), mãe-de-santo, “Para uma Yalorixá a religião faz parte do seu cotidiano, e esta norteia o seu modo de viver, pois são sacerdotisas, que emprestam e dedicam a sua vida à comunicação com os Orixás” (SANTOS, 2011, p.1).

aulas da oficina de rádio, quando os alunos colocavam seus pontos de vista. Por estar a autora envolvida nos trabalhos da oficina, realizou-se um trabalho de observação participante, aquela em que “o observador, deliberadamente, se envolve e deixa-se envolver com o objeto da pesquisa, passando a fazer parte dele” (LAKATOS, 1988, p.170 *apud* CERVO e BERVIAN, 2002, p.28). Uma das finalidades da oficina era fomentar, na Comunidade da Portelinha e, mais especificamente nas pessoas envolvidas nas aulas, o desejo de criar e manter uma emissora de rádio comunitária no local. Para isso, a princípio, foi pensado um processo de formação para que, adiante, a própria comunidade pudesse implantar e gerir a emissora.

As rádios comunitárias apresentam-se como espaços para o posicionamento crítico de diversos estratos sociais frente às questões de uma comunidade, de um estado, de um país e proporcionam o exercício da cidadania. Lílian Bahia (2008, p.28) considera a rádio comunitária de fundamental importância na reconfiguração da esfera pública, por possibilitar a abertura de “expressão e participação de setores marginalizados das novas tecnologias de comunicação e informação”. Nesse sentido também o veículo comunitário “representa um esforço de reconfiguração identitária que se confronta com a imagem negativa do [...] bairro periférico veiculada na grande mídia.” (SOUZA, 2007, p. 178). Numa comunidade como a Portelinha, na periferia de Goiana, caracterizada pela representatividade cultural de festas de terreiros de matriz africana e vilipendiada por demais bairros da cidade, a emissora comunitária aparece com potencial justamente para difundir as práticas culturais da comunidade e fortalecer a identidade de povos periféricos e com riquezas culturais próprias.

É importante considerar que esses contextos populares têm potencial para assumir um papel ativo tanto na recepção, como na produção de informações nesses veículos, conforme atesta França (2001, p.13) citada por Bahia (2008, p.37) a comunicação é entendida como “processo de troca, ação compartilhada, prática concreta, interação – e não apenas um processo de transmissão de mensagens”.

Cicilia Peruzzo (1998 *apud* LIMA, 2010) entende rádio comunitária como a emissora que favorece a democratização da comunicação; não tem fins lucrativos, tem uma programação com vínculo com a comunidade em que está inserida; valoriza a cultura local e tem compromisso com a cidadania no conjunto de sua programação e não somente em atividades específicas. Na visão de Dioclécio Luz (2007), citado por Lima (2010), como fundamentos desses veículos de comunicação popular estão presentes: a) o oferecimento de

oportunidades para a difusão de ideias, cultura, tradições e hábitos sociais de uma comunidade; b) oferecimento de mecanismos de integração e formação comunitários que estimule o convívio social; c) prestação de serviços de utilidade pública e integração aos serviços de defesa civil, sempre que se apresentar necessário; d) contribuição para o aperfeiçoamento profissional nas áreas de atuação dos jornalistas e radialistas; e) capacitação de pessoas para o exercício do direito de expressão, o que casa perfeitamente com o entendimento do radialista cubano Lopez Vigil, o qual atesta que pode-se considerar uma emissora de caráter comunitário

quando [...] promove a participação dos cidadãos e defende seus interesses; quando responde aos gostos da maioria e faz do bom humor e da esperança a sua primeira resposta; quando informa com verdade; quando ajuda a resolver os mil e um problemas da vida cotidiana; quando em seus programas são debatidas todas as ideias e todas as opiniões são respeitadas; quando se estimula a diversidade cultural e não a homogeneização mercantil; quando a mulher protagoniza a comunicação e não é uma simples voz decorativa ou uma propaganda publicitária; quando não tolera nenhuma ditadura imposta pelas gravadoras, nem mesmo a musical; quando a palavra de todos voa sem discriminações ou censuras – essa é uma rádio comunitária (VIGIL, 2004, p.506, apud BAHIA, 2008, p.28).

A década de 1970, na América Latina, é marcada pelas ideias de libertação existentes na pedagogia de Paulo Freire e na teoria da comunicação participativa, exercitada através de diferentes práticas de comunicação (TAUK SANTOS, 2002, *apud* LIMA, 2010). A comunicação participativa distingue a informação da comunicação, uma vez que entende a informação como um processo unidirecional enquanto que a comunicação deve ser entendida como um processo de via dupla sendo, conforme explica Bordenave (1978, p.22), citado por Tauk Santos (2002, p.200, *apud* LIMA, 2010):

Diálogo, interação, onde a fonte e o receptor são ambos ativos interlocutores, em pé de igualdade. O objeto e a função de comunicação não são a mera informação ou a dominação pela persuasão, mas a compreensão recíproca, o enriquecimento mútuo, a comunhão, e, sobretudo, a participação na descoberta e na transformação da realidade.

A partir da comunicação participativa era desenvolvida “a consciência crítica das classes dominadas através da valorização do saber dessas classes na luta pela transformação da realidade” (TAUK SANTOS, 2002, p.200, *apud* LIMA, 2010). Assim, as rádios livres

podem ser citadas como práticas de comunicação participativa que funcionavam como canais de expressão dos grupos populares contra a dominação das elites.

É difícil conceber a ideia de rádio afastado dos contextos populares, já que ele se configura como o veículo que mais propagação tem entre as camadas mais pobres da população, seja pelo preço muito acessível dos equipamentos tanto de recepção, quanto de produção; por permitir a informação sem que seja necessário que o ouvinte saiba ler ou escrever; ou pelo fato de ele permitir o desenvolvimento de outras atividades pelo ouvinte enquanto este está ouvindo rádio. Daí ser uma rádio comunitária muito apropriada para uma comunidade como a da Portelinha, periferia de Goiana, em que há uma real necessidade de ter os assuntos da comunidade pautados, mas onde existe, ao mesmo tempo, o desafio de manutenção da emissora, o que coloca como requisito o baixo custo de gestão desse canal pelos moradores da localidade.

Além disso, de acordo com Cicilia Peruzzo (1998, *apud* LIMA, 2010), há outros aspectos que se somam na legitimação das rádios comunitárias como veículos a serviço das comunidades mais pobres como: a) diversificação dos instrumentos utilizados pela comunidade na emissora de acordo com a disponibilidade dos recursos financeiros, materiais e de tempo; b) apropriação dos meios e técnicas radiofônicas que passam a ser desenvolvidas por atores da própria comunidade; c) conquista de espaços nos meios massivos e, em muitos casos, concessão oficial de funcionamento; d) abordagem crítica dos assuntos, de maneira opinativa, interpretativa, alertando, assim, para a necessidade de mudanças e combatendo a alienação; e) prevalência de autonomia institucional em relação às instituições privadas e públicas, o que permite independência na divulgação dos conteúdos, e também na sustentação técnica e financeira; f) articulação e cultura, pois as pessoas da comunidade têm a oportunidade de expressarem livremente a criatividade através das manifestações da cultura; g) formação das identidades, ao abordar temas locais, conteúdos mais relacionados à comunidade; h) preservação da memória com programas e áudios que servem como registro da memória dos segmentos subalternos; i) democratização dos meios, com mais veículos e pessoas participando deles; j) conquista da cidadania, através de participação política buscando garantir melhorias para uma determinada população (PERUZZO, 1998, *apud* LIMA, 2010).

Mais recentemente o rádio comunitário vem sendo considerado importante nos processos de construção do desenvolvimento local; este é entendido por Tauk Santos como um:

esforço de mobilização de grupos na comunidade, no município, a fim de promover, em parceria com o Estado e organizações não-governamentais, ações empreendedoras a partir do aproveitamento das energias endógenas voltadas para os contextos locais (TAUK SANTOS, 1998, p.30, *apud* LIMA, 2010).

A prática radiofônica por membros da própria comunidade estimula a organização e a participação política deles, numa relação com o exercício da cidadania, uma vez que os meios de comunicação comunitários conforme atesta Peruzzo (2002) citada por Bahia (2008, p.95): “contribuem [...] duplamente para a construção da cidadania. Oferecem um potencial educativo enquanto processo e também pelo conteúdo das mensagens que transmitem.”

Sendo o rádio um veículo que se relaciona à construção do desenvolvimento numa comunidade, é possível considerar que ele é importante no combate à pobreza, uma vez que a prática no meio radiofônico propicia o contato com saberes técnicos e intelectuais, por parte dos que produzem seus conteúdos, podendo gerar nessas pessoas um interesse em seguir carreira profissional na área e auferirem renda com o trabalho. Além disso, o contato com mensagens transmitidas pelo rádio que estimulam a organização social, a cooperação em atividades, as boas práticas de saúde e difundem conteúdos educativos tende a ajudar na produção de consensos para resolução de dificuldades coletivas relacionadas à pobreza como a criminalidade, a insegurança, a falta de solidariedade social, e as carências nos acessos à educação e saúde, por exemplo (RUAS, 2002, *apud* LIMA, 2010).

Comunidades onde o acesso à informação é frequente tendem a apresentar menores níveis de pobreza, conforme atesta Jane (2004, p.179, *apud* LIMA, 2010): “vários estudos foram feitos [...] pesquisas essas que comprovam que quanto menor nível de informação de uma comunidade, menor é o seu nível de desenvolvimento”. Com base nesse entendimento do autor, pode-se considerar que a informação que se estabelece nos grupos tende não somente a propiciar a articulação para melhorias físicas, materiais numa comunidade, mas também estimular mudanças sociais e culturais, cooperação e o respeito às diferenças, além de estimular o espaço para a expressão de grupos historicamente reprimidos e excluídos.

Outra contribuição de destaque dos veículos comunitários de comunicação é justamente o contraponto que oferecem em relação à mídia tradicional, em sua maioria, no Brasil, controlada por poucas famílias brancas, do eixo Rio-São Paulo, que ditam formas, gostos, costumes, esses que em nada se referem ao de demais grupos sociais. Esses veículos

massivos “longe de serem um espelho da sociedade, tornaram-se os lugares nos quais se elaboram, negociam e difundem os discursos, os valores e as identidades sociais” (COGO, 2001, p.36 *apud* SOUZA, 2007, p.170), mas que pouco conversam com a diversidade cultural de uma comunidade como a da periferia de Goiana, por exemplo, mas que acabam sendo a principal forma de consumo cultural em comunidades pobres com pouco acesso a bens culturais.

Considerando a possibilidade de construções próprias de conteúdo com os gostos locais, as mensagens e formas de falar da própria comunidade e especificamente, da comunidade da Portelinha - onde há um terreiro de matriz africana - uma emissora de rádio comunitária em muito se articularia ao papel de fortalecer identidades, uma vez que:

O movimento das rádios comunitárias reflete preocupação em colaborar com a construção de identidades coletiva por meio da democratização da comunicação. Essa iniciativa demonstra a necessidade das comunidades se expressarem e pontuarem suas exigências para a construção da sua participação cidadã que vem a ser o seu projeto central, embora sua face mais visível mostre atitudes de resistência, as necessidades [...] de condições de vida e consumo coletivo; a afirmação da identidade cultural local e, finalmente, a conquista da autonomia política local e participação na qualidade de cidadãos (BAHIA, 2008, p.87)

### **A periferia de Goiana e o Espaço Cultural Bodega da Yá.**

A Região de Desenvolvimento da Mata Norte compreende 19 municípios em Pernambuco<sup>4</sup> e ocupa uma área total de 3.242,9 km<sup>2</sup>. É marcante a grande carência nas condições de vida de sua população (377.275 habitantes) e, de acordo com dados do Condepe/Fidem, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) na região é de 0,650 (FESTIVAL PERNAMBUCO NAÇÃO CULTURAL, 2010). As áreas que mais necessitam de atenção são as de saneamento básico, saúde e emprego.

Goiana, a 63km da capital Recife - pouco mais de 74 mil habitantes e IDH de 0,554 (MUNICÍPIOS SAUDÁVEIS, 2016) , nos últimos sete anos vem despontando como um dos novos polos de desenvolvimento econômico (instalação do polo farmacológico e de automóveis), mas, ao mesmo tempo em que existe uma injeção na economia do município, ações são necessárias no sentido de que avanços sociais também sejam sentidos. Um dos

<sup>4</sup> A Mata Norte é constituída pelas cidades de Aliança, Buenos Aires, Camutanga, Carpina, Chã de Alegria, Condado, Ferreiros, Glória do Goitá, Goiana, Itambé, Itaquitinga, Lagoa de Itaenga, Lagoa do Carro, Macaparana, Nazaré da Mata, Paudalho, Timbaúba, Tracunhaém e Vicência.

caminhos para fomentar o desenvolvimento sustentável (aquele em que não somente indicativos econômicos são alcançados, mas também níveis sociais, culturais, ambientais, etc) é através da cultura. Uma das propostas das ações que são desenvolvidas no Espaço Cultural Bodega da Yá, nos últimos 15 anos é justamente oferecer à Comunidade da Portelinha, periferia de Goiana, acesso a bens culturais.

Nessa comunidade, o Terreiro Ilê Axé Oyá Oníra (casa do sagrado), além de ser uma importante representação das religiões e práticas dos povos tradicionais de terreiro (Candomblé, Umbanda e Jurema) na região da Mata Norte de Pernambuco - com mais de trinta anos de atividade - agrega em seu território não só a forte bagagem destas religiões, mas também distintas expressões artísticas e culturais.

A Yalorixá e Mestra Coquista Zenilsa Cavalcanti do Nascimento, popularmente conhecida como Dona Nininha, desde 1981 realiza sambadas de coco em homenagem a seu mestre espiritual Zé Filintra. Os eventos, realizados sazonalmente durante alguns toques de jurema no Ilê Axé Oyá Oníra sempre atraíram brincantes de coco e demais pessoas da comunidade em geral. Há cerca de 15 anos, Dona Nininha e seus parceiros e filhos passaram a realizar, na Portelinha, Sambadas do Coco da Yá, como é batizado seu grupo musical. No Espaço Cultural Bodega da Yá, nome com o qual o Terreiro também é conhecido, as sambadas são celebrações consolidadas no calendário cultural. Na comunidade se encontram cerca de 85% das tradições e brincadeiras populares da cidade de Goiana, atraindo pessoas não só das comunidades mais próximas, como também de cidades vizinhas.

Dona Nininha batizou seu terreiro também de “Bodega” (grifo nosso) na intenção de identificá-lo não apenas como um lugar de valor sagrado para seus seguidores, mas também dando sentido de coletividade para todos os envolvidos com as atividades que lá acontecem, fazendo alusão à prática da barraca ou bodega, armada durante os sambas de coco, com venda de bebidas e comidas, o que gera recursos financeiros para cobrir os custos da festa, prática econômica peculiar entre várias brincadeiras de terreiro da Mata Norte, porém cada vez mais rara, pelas formas massificadas de subsistência de algumas manifestações culturais.

Grande parte da população dessa localidade da periferia de Goiana tem acesso a bens culturais graças a ações que são desenvolvidas no Espaço Cultural Bodega da Yá (Terreiro Ilê Axé Oyá Oníra). A Portelinha é uma das regiões de menor índice de IDH de Goiana, sendo a grande maioria dos habitantes famílias de trabalhadores rurais, com alto

índice de analfabetismo e desistência escolar por parte de jovens da comunidade, com alta vulnerabilidade destes à violência urbana e envolvimento com a criminalidade, além do trabalho infantil que é muito comum nesta localidade.

As ações culturais desenvolvidas no Espaço Cultural Bodega da Yá, representa, para muitos jovens, a chance de se afastarem de situações de criminalidade e violência, exploração do trabalho infantil, já que na comunidade não há nenhum equipamento oficial de práticas de cultura ou entretenimento como quadras esportivas, centros culturais, cinema, teatro, biblioteca, livraria, etc.

Devido ao sucesso das sambadas de coco do Espaço Cultural e à identificação da comunidade com as festas (apesar de toda carga de preconceito que ainda subsiste em relação ao local, por se tratar de um terreiro de religiões de matriz africana) houve interesse de outros artistas e outros coletivos culturais de Goiana em fixar residência no Terreiro Ilê Axé Oyá Oníra, estabelecendo parcerias, como foi o caso do Iapôí Cineclube, que vem realizando sessões cineclubistas desde julho de 2011 no espaço, todos os últimos sábados de cada mês, precedendo as sambadas do Coco da Yá.

Com o Projeto Comunicando Negritude, realizado entre 2015 e 2016, com financiamento do Fundo Estadual de Cultura do Estado de Pernambuco – Funcultura, a intenção é ampliar a penetração de atividades culturais no Espaço e, para isso, foram concebidas 3 ações: a) manutenção das já tradicionais sambadas de Coco; 2) oficina de ritmos afros; e 3) oficina de rádio comunitária, esta última, objeto do trabalho apresentado aqui.

### **Oficina de rádio comunitária no Espaço Cultural Bodega da Yá**

Por se tratar o Terreiro Ilê Axé Oyá Oníra - onde está situado o Espaço Cultural Bodega da Yá - de um local dedicado à valorização da cultura de matriz africana, a intenção de um projeto de comunicação dentro da comunidade da Portelinha partiu do entendimento de que esse veículo de comunicação deveria contar com conteúdos voltados a essa temática, mais que, prioritariamente, tivesse o envolvimento das pessoas da comunidade na gestão e posterior manutenção da emissora, e que atraísse o interesse de jovens da cidade de Goiana, em participar de formações sobre comunicação comunitária e valorização da identidade local como via para a cidadania, conforme atesta Bahia (2008, p.90)

As rádios comunitárias, ao noticiarem informações de interesse local, ampliam os laços dos sujeitos com a comunidade, e, conseqüentemente, contribuem para a mobilização social e para a construção da identidade pessoal e coletiva. (BAHIA, 2008, p.90).

O Espaço Cultural Bodega da Yá já dispunha de equipamentos que poderiam servir para práticas de comunicação livre, mas, pela primeira vez, realizava uma formação para possivelmente colocar uma emissora no ar. Através de edital de fomento à cultura do Governo de Pernambuco, foi possível a aprovação e provimentos financeiros para a realização das oficinas de rádio comunitária e para isso foi contratada uma radialista, professora em curso de comunicação no nível superior e um técnico em rádio para facilitar a transmissão de conteúdos. A oficina teve duração do fim de novembro de 2015 ao início de março de 2016 e um cronograma de aulas (uma vez por semana, aos sábados pela manhã) foi pensado contemplando desde questões mais teóricas sobre a história do rádio, movimento de rádios livres, redação e produção em rádio, quanto questões de ordem prática como a produção e edição *in loco* dos materiais pensados para serem produtos finais da oficina.

Antes de novembro de 2015 e da contratação dos profissionais de rádio, a equipe de produção do Projeto Comunicando Negritude realizou o trabalho de captação de alunos em escolas de ensino médio de Goiana, grupos artísticos de cultura e entre alguns jovens da própria comunidade da Portelinha.

A própria equipe de produção considerou o período de início das atividades da oficina de rádio não muito apropriado, uma vez que estava se aproximando as férias escolares, quando muitos estudantes viajam para o litoral com suas famílias, ou, aqueles mais humildes, aproveitam as férias escolares e dedicam-se ao trabalho no litoral com seus pais para ajudar financeiramente. Somado a isso o fato de os profissionais de rádio morarem no Recife e se dedicarem a outras práticas profissionais deixava como única opção de horário para as aulas o sábado pela manhã, não tão proveitoso em se tratando de uma alta temporada no verão, numa cidade litorânea como Goiana.

Com tantos percalços, dos dez jovens inscritos para a oficina, apenas três participaram efetivamente dos trabalhos que foram desenvolvidos no próprio Espaço Cultural Bodega da Yá; numa antiga rádio difusora de Goiana, a Tupã (com mais de 60 anos) e pelas ruas de Goiana e Portelinha (com entrevistas aos moradores). A ideia era ter peças radiofônicas produzida pelos alunos, pretendendo gerar uma interação com

integrantes da comunidade, e cumprindo efetivamente um papel próprio dos meios de comunicação, não como um recurso pedagógico apenas.

Uma constante preocupação durante as aulas era a de deixar muito clara a proposta da oficina de rádio e do Projeto Comunicando Negritude. Acima de tudo era importante que os alunos percebessem que a intenção no curso não era o de reproduzir conteúdos e formas de fazer da grande mídia, mais problematizá-los, fazer leituras críticas para que as nossas produções fossem aquelas mais voltadas aos contextos populares, que reforçassem a identidade da população da Portelinha, Goiana, Mata Norte de Pernambuco, e tivessem propostas originais contra-hegemônicas servindo como peças-piloto para a programação de uma possível rádio na comunidade.

Muitos autores [...] apontam a questão identitária como forma de resistência à padronização e à homogeneização, podendo ser vista também como fator gerador de mudanças socioculturais, dependendo de suas raízes históricas (BAHIA, 2008, p.84).

Após o término das aulas foi realizado o evento no Espaço Cultural, na Portelinha, para a Mostra de Resultados do Projeto Comunicando Negritude com a já tradicional Sambada de Coco da Yá e outros grupos musicais convidados; sessão de curta metragens do Cineclube Iapô, de Goiana, e apresentação musical das crianças que se envolveram nas atividades da Oficina de Ritmos Afros do Projeto. Entre uma atração e outra, os conteúdos produzidos na Oficina de Rádio Comunitária foram exibidos na festa que contou com a presença de muitos moradores da periferia de Goiana.

### **Mostra de Resultados do Projeto Comunicando Negritude e reflexões: pavimentando caminhos.**

Nesta seção apresentamos os resultados da oficina de rádio comunitária, mostrando uma rápida síntese sobre os materiais produzidos e à disposição da produção do Projeto Comunicando Negritude como materiais-piloto, como também os resultados sentidos ao término da experiência com a oficina de comunicação comunitária.

Foram produzidas vinhetas (peças musicais para abrir seções) e gravações com entrevistados para as seções:

- a) Canta teu Canto: moradores de Goiana cantavam pequenos trechos de músicas (não foi encontrada nenhuma canção com referência afro, como foi a intenção da equipe de reportagem);
- b) Entrevista: com moradores de Goiana;
- c) Se liga, Goiana: moradores de Goiana cobrando soluções para problemas da cidade, esgoto, segurança, etc;
- d) Mercado Popular: trabalhadores das feiras de Goiana com seus pregões.

Outro material produzido foi uma ficha técnica informando os nomes dos profissionais e alunos envolvidos nas atividades das oficinas.

Em relação às apropriações da tecnologia e das técnicas utilizadas nas aulas, os alunos do curso, por serem já jovens comunicadores da cidade de Goiana, não apresentaram dificuldades nas execuções, já existia familiaridade com as técnicas, equipamentos e programas, o que de um lado é interessante, uma vez que o curso pôde proporcionar uma troca de experiências entre eles para discutirem suas formas de produzirem conteúdos, embora:

Capacitar para o mercado de trabalho não é o objetivo específico explicitado na experiência [da formação em comunicação comunitária], mas considerando que o sentido de inclusão e cidadania inclui a perspectiva de [...] inserir-se de maneira qualificada em emprego, é possível reconhecer alguns elementos que se relacionam diretamente com essa dimensão. (SOUZA, 2007, p. 179).

O que ganhou destaque ao fim da experiência é que, apesar de serem todos os alunos do curso oriundos de Goiana, e conhecerem os anseios da comunidade da Portelinha, foco de nossas atividades com comunicação, parece não ter havido o real entendimento da proposta de construção e fortalecimento de identidade. A identidade não é construída pelo simples fato de estar agrupado, mas sim pelo que:

[...] dá sentido e valor à vida do indivíduo. [...] A identidade depende de um sujeito individual ou coletivo, e, portanto, vive o reconhecimento dos outros, [na medida em que é construída] no diálogo e no intercâmbio, já que é aí que indivíduos e grupos se sentem desprezados ou reconhecidos pelos demais. (BAHIA, Lílian, 2008, pgs 82-83).

Nas aulas práticas, poucas vezes os alunos estiveram disponíveis para esse momento de interação com os moradores da Portelinha, e mesmo os jovens da comunidade não

manifestaram o interesse e/ou disponibilidade para participar de um espaço de formação assim, em comunicação comunitária, muito possivelmente também pela relação que desenvolvem com os meios de comunicação, meramente como consumo do que é colocado pela indústria cultural, mas sem ver o rádio como instrumento para o empoderamento, cidadania, fortalecimento da identidade.

De modo geral, ainda prevalece a hegemonia da mensagem da comunicação de massa, que, inclusive, interfere diretamente na produção dos conteúdos, tendendo a repetições do que se faz na mídia tradicional de massa, daí o exercício constante por parte dos produtores em realizar materiais mais identificados às necessidades da comunidade da Portelinha, o que ratifica o entendimento de Souza (2007, p. 167) quando ressalta que as práticas educativas estimulam os usuários a estabelecerem relações entre a sua vivência cotidiana e o que ocorre no mundo com as mensagens midiáticas, como é possível fazer numa leitura crítica com o aprendizado contribuindo para a inclusão social.

## **Conclusões**

O rádio desenvolvido nos contextos locais, pelos próprios moradores e considerando os interesses desses grupos tem potencial para gerar empoderamento das práticas radiofônicas, leitura de mundo e tomada de decisões que proporcionam o fortalecimento da cidadania, conforme atesta Freire (1981) citado por Bahia (2008, p.96):

O engajamento social que tal situação produz, ao incentivar a participação popular, abre espaço para a construção e a reconstrução de valores, para a conscientização do homem sobre os seus direitos e deveres na sociedade, ampliando, portanto, o conceito e a prática da cidadania. (BAHIA, 2008, p.96 apud FREIRE, Paulo, 1981).

Foi partindo desse entendimento que foi realizada a oficina de rádio comunitária no Projeto Comunicando Negritude, do Espaço Cultural Bodega da Yá (Terreiro Ilê Axé Oyá Oníra), com o objetivo de ressaltar o fortalecimento da identidade local a partir do engajamento de moradores de Goiana, tanto na produção de conteúdos radiofônicos, como numa possível fundação e gestão da emissora de rádio na Portelinha futuramente. Mesmo considerando os desafios enfrentados pela equipe que esteve à frente das atividades no que se refere ao período em que a oficina foi realizada (não muito adequado, fim de novembro

até início de março, com férias escolares, festividades de fim de ano e carnaval no meio, o que interfere muito no andamento das atividades) a oficina de rádio pode ser considerada uma iniciativa importante para a comunidade, visto que oportunizou o conhecimento - por parte de alguns comunicadores locais e das pessoas que participaram sendo entrevistadas ou tendo acesso aos conteúdos - do potencial do rádio comunitário como contraponto à grande mídia de massa.

É notável que muito ainda precisa ser feito no sentido de um maior engajamento dessa população da Portelinha, periferia de Goiana, com propostas de comunicação comunitária, a partir de um trabalho mais efetivo de práticas de captação de alunos e extensão e identificação dessas pessoas com a proposta, mais é inegável que a ação pavimentou o caminho para a construção de outras iniciativas socioculturais na comunidade com o propósito de fortalecimento da identidade.

## Referências

BAHIA, Lílian Mourão. **Rádios comunitárias: mobilização social e cidadania na reconfiguração da esfera pública.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica.** 5 ed. São Paulo: Pearson Prentice, 2002.

FESTIVAL PERNAMBUCO NAÇÃO CULTURAL (2010: Recife, PE). **Educação patrimonial para a Mata Norte** / Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco. – 2. ed. – Recife: FUNDARPE, 2010. 103 p.:il.

LIMA, Ivanice Oliveira de. **Rádio Comunitária, Gênero e Capital Social: a experiência da Alternativa FM, emissora da Associação de Mulheres de Nazaré da Mata – Amunam.** Ivanice Oliveira de Lima – 2010. 134 p.

MUNICÍPIOS SAUDÁVEIS. **Goiana.** Disponível em:<  
<http://www.municipiossaudaveis.pe.gov.br/>>. Acesso em: 31 mai.2016

SANTOS, Nadja Antonia Coelho. **O Candomblé na representação da Yalorixá.** Entrelaçando. Revista Eletrônica de Culturas e Educação. Caderno temático: Educação e Africanidades. N.4, p 16-27. Ano 2 (novembro de 2011). ISSN 21798443.

SOUZA, Luciano Simões de. A educação pela comunicação como estratégia de inclusão social: o caso da Escola Interativa. IN: GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; PINTO, Regina Pahim. (orgs). **Educação.** São Paulo: Contexto, 2007.

